

Bridgetown Agenda - Histórico e contexto

O mundo está sofrendo com uma série de desafios interrelacionados; as crises globais de alimentos e energia, agravadas pela guerra na Ucrânia e pela pandemia da COVID-19, levaram a um aumento no custo de vida em todo o mundo. E os eventos climáticos extremos - tempestades, ondas de calor, enchentes e secas - estão se tornando mais frequentes e estão causando perdas de vidas e meios de subsistência sem precedentes, além de danos graves à infraestrutura.

A escala dos danos é muito maior para os países de renda baixa e média e para os Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento (SIDS), muitos dos quais estão na linha de frente da catástrofe climática. Os danos financeiros que esses países estão sofrendo com as mudanças climáticas tornaram-se incontornáveis para muitos deles, especialmente devido ao peso da dívida desses países. Os países de renda baixa e média precisam de apoio imediato para enfrentar essas múltiplas crises que os estão empurrando para a zona de perigo.

O papel das instituições financeiras internacionais

Nos últimos anos, o papel das instituições financeiras internacionais no fornecimento de financiamento climático aos países em desenvolvimento tem se tornado cada vez mais proeminente. Em particular, o FMI e os Bancos Multilaterais de Desenvolvimento (MDBs) surgiram como instituições importantes que ajudam a gerenciar as finanças internacionais. Essas instituições desempenham um papel fundamental na redistribuição de fundos dos países desenvolvidos para os países em desenvolvimento, de modo que os países de baixa renda possam enfrentar de forma eficaz os desafios do desenvolvimento, inclusive os desafios decorrentes de eventos climáticos extremos.

No entanto, também ficou cada vez mais claro que a [estrutura financeira atual não está funcionando](#) para os países em desenvolvimento em meio a uma polícrise global - aumento dos níveis de inflação, crise de alimentos, crise da dívida, crise climática, entre outras crises graves que afetam os países em desenvolvimento. Criados há mais de 75 anos, esses sistemas não estão conseguindo dar suporte aos países necessitados e continuam a empurrar os países de baixa renda para uma situação de endividamento, além de prender os países a uma infraestrutura prejudicial de combustíveis fósseis que provavelmente resultará em perdas econômicas de longo prazo.

Proposta de Bridgetown

Mia Mottley, a primeira-ministra de Barbados - um pequeno estado insular que está na linha de frente do clima - está liderando os esforços da [agenda de Bridgetown](#), uma proposta para reformar instituições como o FMI, o Banco Mundial e outros bancos multilaterais de desenvolvimento. A Primeira-Ministra Mottley está reunindo um amplo apoio para exigir reformas nas estruturas do FMI e dos bancos multilaterais de desenvolvimento, de modo que elas sejam projetadas para apoiar os países em desenvolvimento a evitar o desastre climático e ajudá-los a realizar uma transição justa.

A agenda de Bridgetown reconhece que é necessário apoiar os países que são deixados sozinhos para lidar com as consequências da extração irrestrita de combustíveis fósseis nas últimas décadas. A proposta exige mudanças na governança e nas estruturas das instituições financeiras internacionais para que elas operem sob um mecanismo global que seja justo e ajude efetivamente a canalizar fundos para os países que estão na linha de frente da catástrofe climática. Uma análise completa da proposta [está aqui](#). Alguns dos principais elementos da agenda de Bridgetown incluem:

1. Usar o FMI para fornecer financiamento emergencial a países em crise. Algumas opções poderiam incluir o aumento do crédito rápido e das facilidades de financiamento para níveis de crise; a suspensão das sobretaxas de juros; a redistribuição de pelo menos US\$ 100 bilhões de Direitos Especiais de Saque (SDRs) por meio do novo Fundo de Resiliência e Sustentabilidade.
 - a. No ano passado, o G20 se comprometeu a reciclar US\$ 100 bilhões de seus Direitos Especiais de Saque (SDRs) não utilizados para os países que mais precisam. Ainda resta uma lacuna de aproximadamente US\$ 15 bilhões para atingir esta meta de US\$ 100 bilhões. Esse compromisso precisa ser cumprido o mais rápido possível para tirar os países da crise imediata.
2. Expandir os empréstimos dos Bancos Multilaterais de Desenvolvimento implementando [as recomendações](#) da revisão independente da Estrutura de Adequação de Capital do G20 para adaptação. Essas recomendações permitiriam que os bancos tivessem mais capital e o empregassem de forma mais eficaz para as necessidades relacionadas ao clima.
3. Nova emissão de US\$ 500 bilhões de SDRs, principalmente para mitigação.
4. Estabelecimento de uma taxa sobre a produção de combustível fóssil, modelada no [Fundo Internacional de Compensação por Poluição por Óleo](#).
5. Declaração automática de financiamento de perdas e danos quando um evento custar mais de 5% do PIB de um país.

O FMI e o Banco Mundial

O FMI tem uma influência considerável nas políticas internas da maioria dos países. Sob a liderança de sua diretora-gerente, Kristalina Georgieva, o FMI se tornou uma voz proeminente sobre a necessidade de lidar com as mudanças climáticas. No entanto, a retórica da instituição não corresponde às suas ações, com [evidências sugerindo](#) que o fundo continua a incentivar a expansão dos combustíveis fósseis e a desconsiderar a ação climática em suas políticas.

Além disso, o FMI é um participante importante no espaço da dívida internacional e, muitas vezes, é o credor de última instância, apoiando os países na administração de suas dívidas públicas. O FMI fornece apoio financeiro a países atingidos por crises para ajudá-los a restaurar a estabilidade e o crescimento econômico e também fornece financiamento preventivo para ajudar a evitar crises. Portanto, qualquer mudança na arquitetura da dívida internacional precisa ser liderada pelo FMI.

Em 2022, o [FMI estimou](#) que cerca de 60% dos países em desenvolvimento de baixa renda estão sob alto risco ou em dificuldades de endividamento, com vários países à beira da inadimplência no pagamento de suas dívidas. O fundo [alocou](#) um valor histórico de US\$ 650 bilhões em SDRs para aumentar a liquidez global e aprovou o projeto de um [Fundo de Resiliência e Sustentabilidade \(RST\)](#) para que os países desenvolvidos possam efetivamente recanalizar seus SDRs não utilizados para países de baixa renda e países vulneráveis de renda média para ajudá-los a criar resiliência a choques externos e garantir o crescimento sustentável, contribuindo para a estabilidade de longo prazo da balança de pagamentos. Em outubro de 2021, o [G20 se comprometeu](#) a reciclar US\$ 100 bilhões em SDRs para os países em desenvolvimento, mas, apesar de várias promessas, essa meta ainda não foi atingida. Houve pedidos de uma [nova alocação](#) de SDRs para abordar a ligação entre a crise climática e a segurança.

O Banco Mundial e outros bancos multilaterais de desenvolvimento têm uma função única na alocação de financiamento, principalmente nos países em desenvolvimento. Eles conseguem alcançar mercados financeiros em países em desenvolvimento que o setor privado talvez não consiga alcançar devido aos altos riscos financeiros. Seu posicionamento no sistema financeiro internacional é impulsionado por suas altas classificações de crédito (AAA na maioria dos casos), o que, por sua vez, permite que eles forneçam financiamento concessional ¹ aos países em desenvolvimento. No ano passado, o G20 encomendou uma [análise independente](#) da estrutura de adequação de capital dos bancos multilaterais de desenvolvimento, na qual o painel constatou que os bancos multilaterais de desenvolvimento estavam retendo centenas de bilhões de dólares em empréstimos que poderiam ser usados para ajudar os países de baixa renda a se recuperarem dos impactos das múltiplas crises que estão enfrentando atualmente. O painel forneceu um conjunto de recomendações em seu relatório sobre as medidas que os MDBs podem adotar para liberar novos empréstimos.

O Banco Mundial é o maior de todos os bancos multilaterais de desenvolvimento e exerce influência significativa sobre as políticas do restante das instituições financeiras de desenvolvimento. No entanto, as evidências sugerem que o Grupo Banco Mundial até agora não deu o exemplo na promoção de uma transição justa e [gastou quase US\\$ 15 bilhões](#) desde a assinatura do Acordo de Paris em projetos de combustíveis fósseis. Além disso, o presidente do Grupo Banco Mundial, David Malpass, foi alvo de severas críticas no ano passado, quando [fez comentários públicos](#) que pareciam minar a ciência climática. Em fevereiro deste ano, Malpass anunciou sua renúncia, um ano antes do término de seu mandato, depois que sua credibilidade como chefe de uma das maiores instituições financeiras internacionais passou a ser questionada. O indicado pelos EUA para presidente do Grupo Banco Mundial, Ajay Banga, assumirá o cargo de novo chefe do Grupo Banco Mundial em julho de 2023.

O que está em pauta em 2023 para essas propostas de reforma do sistema financeiro?

¹ Empréstimos concessionais, ou empréstimos flexíveis, têm termos mais generosos do que os empréstimos de mercado, como taxas de juros abaixo do mercado e/ou período de carência prorrogável.

Este ano é crucial em termos de concretização de algumas das reformas que Mia Mottley está propondo em sua agenda de Bridgetown. A proposta [foi apresentada](#) durante as reuniões de primavera de FMI/Banco Mundial.

A agenda de Bridgetown já conta com amplo apoio público e algum apoio político, em especial do presidente francês Emmanuel Macron, que organizará uma cúpula em junho para discutir essa proposta.

Esse também será um tema importante durante a cúpula do G20 na Índia, as reuniões anuais do FMI/Banco Mundial e a COP28, antes da qual a presidência dos Emirados Árabes Unidos proclamou a necessidade de responder aos apelos da comunidade internacional sobre a reforma das instituições financeiras internacionais.